

Cliente: Laboratório Richet

Veículo: Jornal O Globo

Data: 27/03/2014

Colunas/Editoria: Ciência

Pág(s): 28

O GLOBO
Ciência

DOENÇA AGENDADA

Genoma pelo pé

Sequenciamento de DNA em recém-nascidos divide opiniões e expõe conflitos éticos

FREDERICO GOULART
frederico.goulart@oglobo.com.br

Um artigo publicado ontem na revista científica "Science Translational Medicine" levantou uma questão que vai além da ciência. Ignorar completamente o inimigo de sua saúde até que ele apareça ou padecer anos tentando amenizar uma doença anunciada? A grosso modo, esta é a discussão entre pesquisadores que analisam se o sequenciamento do genoma humano, que pode apontar males genéticos, deve fazer parte da triagem neonatal — o tradicional teste do pezinho aplicado em recém-nascidos.

Aspectos sociais, psicológicos e estruturais recheiam um debate que está longe de alcançar um consenso e ganha contornos de conflitos éticos e legais. A dúvida, prevê o artigo, ainda será tema de muita polêmica nos próximos anos, na mesma proporção em que o mapeamento se tornar mais acessível e confiável.

Na avaliação do professor do programa de pós-graduação em Bioética da Universidade de Brasília (UnB) e membro da Sociedade Brasileira de Bioética (SBB) Cláudio Lorenzo, o diagnóstico de uma doença, que pode ou não ser desenvolvida no futuro de uma criança, implicará diretamente num efeito à sua existência, dada a forma como ela se relacionará com esta expectativa.

— É como se um diagnóstico apontasse o processo finalizador da vida. Ninguém é feliz ao saber o dia em que vai morrer. Há ainda o efeito na vida social, já que muitas empresas poderão usar os resultados para negar uma contratação, ou mesmo planos de saúde poderão negar atendimento — aponta.

Por outro lado, Lorenzo argumenta que as informações genéticas poderiam ser usadas para direcionar novos tratamentos e formas de abordagem dos pacientes.

O patologista Hélio Magarinos Torres Filho, membro da Sociedade Brasileira de Patologia Clínica (SBPC), concorda:

— É um avanço detectar possíveis defeitos genéticos que podem indicar com antecedência males como Alzheimer e câncer. Mas isso só deve ser feito em casos específicos, como quando há exemplos anteriores na família. Do contrário, não é aconselhável. Nem todos saberiam interpretar corretamente os resultados.

Outro aspecto discutido é o grau de precisão dos diagnósticos. Muitas vezes algo apontado nos exames pode não se confirmar, devido à influência de fatores externos, e isto pode gerar falsas expectativas nos pacientes.

— A medicina diz que alteração genética não é tudo para o desenvolvimento de uma doença. Fatores ambientais, alimentação, estilo de vida, sedentarismo, tudo isso pode influenciar até mais — diz Hélio.



Polêmica. À medida que a técnica de mapeamento do genoma se torna mais acessível e confiável, aumenta o debate a respeito de sua inclusão na triagem neonatal

“

“Sequenciar o genoma no nascimento trata-se de um modismo que serve apenas para estigmatizar e rotular as crianças para o resto da vida”

Roni Zanenga
Geneticista e membro da Sociedade Brasileira de Análises Clínicas (Sbac)

Segundo o geneticista Roni Zanenga, da Sociedade Brasileira de Análises Clínicas (Sbac), diante do alto custo que representaria a implementação do mapeamento de genoma na rede pública de saúde, uma solução sugerida seria a ampliação do foco de doenças diagnosticadas pelo teste do pezinho. Hoje, ele é capaz de identificar até 30 possíveis danos endócrinos ou metabólicos, como anemia falciforme e fibrose cística.

— Sequenciar o genoma no nascimento trata-se de um modismo que vai servir apenas para estigmatizar e rotular as crianças. Neste momento, os benefícios não superam o questionamento. O ganho é muito reduzido para se tomar essa decisão — opina.

Além da ausência de estrutura, também falta preparação específica para que a classe médica consiga lidar com o assunto de modo ideal, avalia o clínico geral do laboratório Sérgio Franco Medicina Diagnóstica Rafael Munerato. Ele ressalta que apenas uma pequena parcela de pediatras tem conhecimento sobre

o assunto.

— É necessário mais estudo e experiência para que eles se sintam confortáveis na situação de preparar planejamentos terapêuticos diante de um risco genético. Nessa discussão, é preciso ficar claro que a genética não é destino. Somente associada ao estilo de vida é que ela vai determinar o processo de saúde e doença nas nossas vidas — explica.

REVISÃO REGULATÓRIA NOS TESTES GENÉTICOS

O histórico de medidas adotadas por órgãos reguladores indica que o consenso sobre o tema ainda está longe. No último mês de dezembro, cedendo à decisão da agência que regulamenta alimentos e medicamentos nos EUA, a FDA, a empresa "23andMe" interrompeu o serviço de sequenciamento genético para passar por uma revisão regulatória. A decisão ocorreu em resposta a um alerta enviado pela agência, afirmando que o teste genético precisaria de aprovação do órgão. ●